

**Interdependência nas relações China – EUA: a formação da economia Sino-Americana e sua importância para o ciclo de crescimento econômico mundial entre 2.000 e 2.006**

Antonio Carlos Diegues  
Universidade Federal de São Carlos – UFSCar – Campus Sorocaba  
Professor do Curso de Ciências Econômicas  
[acdiegues@ufscar.br](mailto:acdiegues@ufscar.br)

O objetivo principal deste artigo é descrever e analisar a integração e a interdependência na economia Sino-Americana. Como objetivo secundário, tal artigo procurará analisar os diversos desdobramentos originários da consolidação deste movimento de integração sobre o ciclo de crescimento econômico mundial entre 2.000 e 2.006.

A argumentação adotada neste trabalho é a de que a constituição de uma economia Sino-Americana atua como condição *sine qua nom* para a ratificação da posição de liderança da economia estadunidense no cenário internacional. Em outras palavras, ao contrário da argumentação convencional que interpreta a consolidação da economia chinesa em uma posição de destaque no sistema internacional como uma ameaça à liderança estadunidense, este artigo procura mostrar que a interdependência na economia Sino-Americana é **um elemento central para a viabilização da liderança dos EUA no processo de acumulação capitalista no início do século XXI**.

Tal percepção justifica-se porque, ao se utilizar uma abordagem fundamentada na “economia política” procura-se mostrar que o *modus operandi* desta integração econômica configura-se como o principal fator potencializador da ampliação do espaço de valorização do capital da empresa transnacional estadunidense e da autonomia na formulação da política econômica deste país no período compreendido entre 2.000 e 2.006.

A partir desta abordagem, observa-se que o processo de integração produtiva China-EUA iniciado nos primeiros anos da década de 1980, consolida as bases materiais para a formação da economia Sino-Americana. Isso porque as origens desta integração econômica estão intrinsecamente associadas à existência de objetivos estratégicos complementares (porém permeados por um estado latente de tensão) entre EUA e China no período. Em relação ao primeiro, observa-se que a constituição interdependência econômica Sino-Americana se configuraria como um instrumento de um objetivo mais amplo de enfraquecimento da URSS e de confronto direto com o modo de produção socialista no contexto da Guerra Fria. Já no que diz respeito à China, esta interdependência seria um dos principais elementos que confeririam sustentação econômica e política ao projeto de “Reorientação da Estratégia de Desenvolvimento” comandado por Deng Xiapoing, o qual tinha entre seus principais objetivos o desenvolvimento das forças produtivas chinesas, a consolidação deste país como principal potência hegemônica na Ásia (recuperando a posição milenar de destaque da civilização chinesa e superando as humilhações impostas por potências estrangeiras – notadamente o Japão – nos séculos XIX e XX) e a cooptação econômica e futura integração territorial de Hong Kong e da “província rebelde” de Taiwan.

Como resultado deste processo de integração produtiva, observa-se a emergência da China como um agente com importância crescente para a conformação de uma nova divisão internacional do trabalho, forjada em grande parte devido à atuação dos capitais e da influência política estadunidenses.

Ao descrever como se estruturam os mecanismos de funcionamento e os impactos decorrentes da formação da economia Sino-Americana este trabalho demonstra seus efeitos tanto nas dimensões internas destes países quanto na quanto

na dinâmica capitalista global no período entre 2.000 e 2.006. Mostra-se que a partir da consolidação da integração produtiva entre as economias chinesa e estadunidense principalmente no início dos anos 2.000, a arquitetura econômica e também política do sistema internacional dá indícios de ter iniciado uma longa fase de reconfiguração.

Dentre os principais resultados desta reconfiguração para os EUA destaca-se a importância estratégica da formação da economia Sino-Americana para a manutenção da estabilidade de preços em seu mercado interno, para o aumento da produtividade decorrente da importação de bens intensivos em TIC a preços baixos e decrescentes, e para a manutenção de baixas taxas de juros viabilizadas pela aquisição de títulos denominados em dólar pela autoridade monetária chinesa.

Outro efeito importante decorrente da integração produtiva China-EUA é a ampliação do espaço de valorização do capital das transnacionais estadunidenses. Agregando-se a esse aumento dos lucros a oferta de mercadorias a custos cada vez mais baixos, tem-se o chamado “efeito Wal Mart”. Através deste efeito, assim denominado em virtude da estratégia concorrencial da maior rede varejista do mundo de aumentar substancialmente a participação dos produtos “made in China” nas suas prateleiras, observa-se uma integração produtiva China – EUA cada vez maior. Esta integração, por sua vez, ao incorporar fornecedores mais competitivos quando comparados aos estadunidenses traz consigo simultaneamente a diminuição do preço de uma gama cada vez maior de produtos e o decorrente o aumento da lucratividade das empresas transnacionais. Além da importância destes impactos para viabilizar e incentivar o crescimento econômico nos EUA e do incentivo à pujança econômica chinesa, os efeitos positivos da formação da economia Sino-Americana também se espalharam para diversas partes do globo no período entre 2.000 e 2.006.

No que diz respeito à Ásia, mostra-se que o vigoroso ritmo de expansão da economia chinesa fez com que este país se transformasse num importante centro irradiador de dinamismo local. Já no que diz respeito à América Latina e à África destaca-se que a explosão da demanda chinesa por *commodities* agrícolas e minerais fez com que grande parte dos países destas regiões obtivessem uma melhora substancial em seus saldos na conta corrente, fato este que impulsionou o crescimento econômico e ampliou a autonomia destes países para a formulação de políticas econômicas pró-crescimento.

Por fim, conclui-se que não obstante os diversos efeitos benéficos oriundos da formação da economia Sino-Americana para o boom entre 2.000 e 2.006, sua sustentabilidade não é garantida “a priori”. Em outras palavras, a idéia da emergência de um capitalismo auto regulado é falaciosa. Isso porque a sustentação da dinâmica de funcionamento desta economia Sino-Americana (tal qual corroborou a crise financeira internacional iniciada em meados de 2.008) ultrapassa a esfera do “economics” e é determinada em última instância por um complexo jogo de poder político arquitetado entre China e EUA.

Nesse cenário, além dos próprios efeitos da atual crise econômico- financeira internacional, três potenciais efeitos desestabilizadores desta relação de interdependência entre as economias dos EUA e da China que podem ser destacados são (i) a convivência norte-americana para com a ascensão chinesa como potencial centro hegemônico regional na Ásia, (ii) a disponibilidade das autoridades chinesas continuarem financiado os déficits estadunidenses e a (iii) histórica disputa entre EUA e China acerca de Taiwan.